

Resenha

**Vertigem Digital: por que as redes sociais estão nos dividindo,
diminuindo e desorientando**

(KEEN, Andrew. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 254 p.)

Laís Tolentino Muniz CAMPOS¹

Vertigem digital é uma crítica à Web 3.0 que, segundo o autor leva o usuário a se expor ao extremo, fazer amigos a qualquer custo e a buscar grupos de interesse com o objetivo de sanar a “obrigatoriedade social” que, por sua vez, induz as pessoas na rede a serem excessivamente transparentes. O autor nos conduz a refletir sobre esta exposição excessiva que significa, segundo ele, o fim da privacidade e do individualismo da sociedade. A obra contempla oito capítulos, além da introdução e da conclusão, que nos proporciona percorrer um caminho de ideias, pensamentos e experiências vividas pelo autor que são trazidas, por ele, para a realidade digital.

Na introdução, o autor abre o livro comparando o filme *Vertigo* (*Um corpo que cai*, título no Brasil) de Alfred Hitchcock a um filósofo utilitarista chamado Jeremy Bentham, cujo cadáver foi deixado para a University College de Londres para ser exposto numa espécie de cabine de madeira com porta de vidro, chamada de “Autoícone”. Keen coloca que, assim como Hitchcock acreditava que por trás de todo bom filme existia um cadáver, ele também acreditava nisso, tanto que, foi um cadáver (de Jeremy Bentham) que deu início ao seu livro. Nesse primeiro momento, o autor reflete que, assim como Jeremy Bentham, a sociedade conectada está exposta aos olhares do mundo, sendo observada e acompanhada a todo instante.

Em seguida, o autor comenta uma conversa que teve naquele momento com o fundador do LinkedIn, Reid Hoffman, a quem ele define como um “brilhante visionário da mídia social”. Neste debate, Hoffman afirmou que a transformação da sociedade de relações humanas em uma sociedade apoiada em bytes (conexões), tornaria as pessoas mais unidas socialmente. Eis que Andrew Keen questiona Hoffman sobre os indivíduos

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB). E-mail: laist_muniz@hotmail.com

que não desejam entrar na rede, sobre aqueles que preferem a solidão a estarem conectados.

Depois o autor se coloca em uma sensação de Vertigem pois se deu conta de que o cadáver exposto do filósofo utilitarista Jeremy Bentham era, na verdade, uma espécie de espelho, que aquele cadáver era ele e todos que se “aprisionaram na casa” de fiscalização digital e o que o futuro seria a solidão no mundo conectado.

No primeiro capítulo intitulado “*Uma idéia simples de arquitetura*”, Keen coloca que a tirania social da era industrial volta neste novo século digital ameaçando a liberdade do indivíduo e essa ameaça resulta do que Bentham chamou de “uma ideia simples de arquitetura” que iria melhorar o social. Segundo o autor, Bentham idealizou uma arquitetura circular para prisões de cômodos “transparentes e totalmente conectados” voltados para uma cabine central onde poderiam ser fiscalizados. A este projeto ele atribuiu o nome de “casa de inspeção” e afirmou que quanto mais os indivíduos se sentissem vigiados, mais disciplinados se tornariam.

Posteriormente, Keen coloca que a arquitetura de Bentham volta para este século onde prevalece a lógica do exibicionismo na internet. O autor cita que vivemos em meio a comunidades on-line (os cômodos da “casa de inspeção”) transparentes como Facebook, Twitter e tantas outras que suprem as necessidades da sociedade de se exhibir para a realização da auto-estima. No entanto, a diferença estaria no fato de que nas redes sociais, os indivíduos se colocam espontaneamente na condição de vigiados. Nos tópicos seguintes do capítulo, Keen reflete sobre o plano de 5 anos do criador do Facebook para a humanidade de eliminar a solidão e que os números mostram que esta rede social está se tornando “a própria imagem da humanidade”.

Em “*Vamos ficar nus*”, Keencita George Orwell em 1984 e suas expressões “vidaprópria” e “rostocrime” (individualismo/excentricidade e expressão facial inadequada, respectivamente) para comparar com a realidade conectada. O autor coloca que em 1984 “era crime se expressar” e atualmente o que não é tolerável não se fazer presente na rede. Antes, a privacidade era o anseio da sociedade e hoje o ideal é ser atração, é se expor ao mundo.

O autor ainda traz o pensamento de dois “pregadores digitais”, Tapscott e Williams, que afirmam que a sociedade começa a viver a era da “inteligência em rede” que vai permitir que as mentes atuem em rede de forma a colaborarem e

aprenderem coletivamente. Reid Hoffman, segundo Keen, concorda com estes “pregadores digitais” e acrescenta que com a possibilidade da transparência, surge uma “economia da confiança na qual nossas reputações serão determinadas pelo que os outros pensam de nós”. Em relação a “inteligência em rede”, o autor afirma que pode estar acontecendo o contrário e a rede pode estar compondo um cenário de “comportamento de rebanho” no qual os indivíduos apresentam se comportar e pensar como ovelhas ao invés de contestar e demonstrar insatisfação, numa tentativa de pertencer a rede.

Na sessão que dá título ao capítulo, Keen cita Jeff Jarvis que em seu discurso na conferência South by Southwest afirmou que vamos distribuir cada vez mais informações pessoais e que este fenômeno acontecerá a partir desta revolução da mídia social que vivemos. Ele ainda coloca que “ficar nu”, ser autêntico na rede digital pode não ser a solução para problemáticas sociais e quebra de tabus.

Andrew Kenn dá início ao terceiro capítulo, “*A visibilidade é uma armadilha*”, expondo três preocupações no que diz respeito a privacidade e autonomia na inteligência em rede. A primeira refere-se ao destino da sociedade quando ela estiver ligada a uma rede transparente de compartilhamento onde não existirá segredo nem solidão, a segunda diz respeito ao que acontecerá em 2020 quando tudo estiver conectado de forma inteligente (carros, telefones, televisores...), e a terceira preocupação é a de qual será o efeito que este culto ao social terá na vida humana.

Keen coloca que, em breve, através das redes transparentes, todos saberão de tudo ao nosso respeito e a solidão não existirá e que essa revolução poderá significar laços fracos e menos liberdade dos indivíduos. Mais à frente, o autor coloca que a visibilidade pode ser uma armadilha trágica e cita um caso no México no qual cidadãos que usaram mídias sociais para denunciar tráfico de drogas foram executados cruelmente e exibiam junto aos seus corpos cartazes com a frase “Isso vai acontecer a todos que postarem gracinhas na internet”. Ainda sobre a armadilha da visibilidade, Keen discorre sobre a informação social que se tornou o fundamento da economia do conhecimento. As redes sociais faturam exclusivamente através da publicidade e são as informações pessoais que engendram essa economia.

No capítulo, “*Vertigem digital*”, o quarto desta obra, Keen começa falando a respeito do filme *Vertigo (Um corpo que cai)* de Alfred Hitchcock e a temática do livro.

O filme foi gravado na região próxima a São Francisco, Vale do Silício, que depois se transformaria numa metrópole tecnológica e industrial e seu enredo é envolvido por uma série de mentiras. A isca usada para atrair o protagonista do filme, Madeleine Elster, é comparada por Keen as tecnologias sociais da atualidade que foram programadas para seduzir e coagir, assim como aconteceu com Scottie que foi seduzido por Madeleine.

Em outra sessão do capítulo, o autor analisa os movimentos que defendiam o comunitarismo, que pareciam uma nova chance “para o mundo se unir pela amizade” e cita o Verão do amor em 1967 que representou uma “experiência social de compartilhamento”. A geração daquela época buscava proximidade coletiva e o culto ao social que existiu naquele evento foi chamado de “sociedade íntima” pelo sociólogo de Harvard Daniel Bell. No entanto, as pessoas que participaram destes movimentos eram sozinhas mas tentavam uma proximidade umas com as outras a partir de uma idéia de social muito individualizada, o que não permitiu, segundo Keen, que estes movimentos se desenvolvessem.

Em “*O culto ao social*”, quinto capítulo, Keen coloca que a tecnologia é o elemento mecânico presente em qualquer história sobre a internet, fazendo um contraponto com o truque narrativo presente nos filmes de Hitchcock chamado de “Macguffin”. Keen observa, neste capítulo, que estudiosos da cultura no Vale do Silício, documentaram que a contracultura esteve muito ligada ao surgimento do computador pessoal e da rede e que até muitos dos defensores “da conectividade e da comunhão digital” eram consequência da própria contracultura. Estes defensores eram a favor da abertura e da transparência e defendiam o comunhão da cultura que mais tarde se tornou o “ciberespaço”.

Em outra sessão, o autor coloca que a mídia social hoje, com a tentativa de reconstruir a comunidade neste século, é uma versão sob a forma de internet do Verão do amor citado no capítulo anterior. Keen afirma que atualmente a revolução digital transforma a maneira como a cultura é distribuída porque agora ela (a cultura) é criada não mais pelas elites e sim pela sociedade

No capítulo seis, “*A era da grande exibição*”, Keen fala sobre um evento organizado pela Universidade de Oxford que reuniu “os arquitetos das sociedades digitais globalmente ligada em rede”. Neste evento, Keen, destaca a presença do criador

do Second Life, Philip Rosedale, com quem ele conversava sobre o que diferenciava estar naquela biblioteca de estar na internet e lembra que Rosedale olhou para as pinturas nas paredes da biblioteca impossíveis de serem visualizadas e indagou, ironicamente, qual seria o sistema operacional utilizado ali.

Keen afirma que aquelas paredes foram pintadas sem a preparação técnica para proteger a tinta dos efeitos do tempo, mas que a fama destas pinturas estava justamente no fato de não poderem ser vistas a olho nu. Rosedale não sabia disso, diz Keen, e só via naquelas paredes, pinturas esquecidas. O diálogo entre eles seguiu de maneira que Rosedale afirma que lembrar-se de tudo une os homens e Keen coloca que a “unidade do homem” é uma ilusão tanto quanto era no século XIX.

Depois o autor fala sobre um prédio industrial de ferro e vidro encomendado pelo príncipe Albert chamado palácio de cristal que acabaria com o segredo do mundo pré-industrial e se tornaria o símbolo da exposição transparente para que todos pudessem ver. Para demonstrar o lado negativo da transparência que tanto prega, Keen destaca que 85 anos depois aquele símbolo de exibição do século XIX pegou fogo por falta de manutenção e cuidados. Então ele fecha o capítulo citando Karl Marx que escreveu “que a história se repete” e questionando como será o futuro social e coletivo quando “utopistas” como Rosedale retomam o desejo pela unidade dos homens num mundo sem privacidade e transparente.

Keen retoma o debate com Reid Hoffman, no sétimo capítulo, “*A era do grande exibicionismo*”. O autor diz que naquela manhã estava no que parecia uma prisão industrial projetada para anular a privacidade do prisioneiro e proporcionar que as autoridades controlassem e vigiassem seus detentos e de onde ele estava podia visualizar todas as celas e portas, o que deu a ele uma “sensação de controle onisciente”. O que foi uma prisão do século XIX, hoje é um hotel, o Oxford Mal no qual as antigas celas foram transformadas em luxuosos aposentos e a perspectiva de vigia das celas foi invertida para que os hóspedes pudessem “olhar para fora”.

Andrew Keen também narra uma entrevista que fez com Robert Scoble, um “megaevangelizador” ou ainda um admirado “propagador” da mídia social. Por outro lado, ele observou que a casa de Scoble é isolada, que ele e sua família vivem numa comunidade fechada onde ele nem se quer conhece seus vizinhos e afirma que prefere

fazer amigos através das redes sociais. O autor então afirma que essa é a perspectiva do que será o futuro da sociedade, um futuro onde viveremos “sozinhos juntos”.

O autor dá início ao oitavo e último capítulo, “*O melhor filme de 2011*”, comentando sobre a exposição de gravuras, em placas de cobre, das cenas cotidianas do príncipe Albert e da Rainha Vitória em 1848. O casal real havia mandado essas gravuras para que fossem impressas mas as cópias foram vendidas a um editor de Londres que, por sua vez, as vendeu. Observa-se aqui a questão da privacidade tratada ao longo desta obra por Keen. O autor coloca que a Web 3.0 oferece desafios a lei que protege a privacidade e que precisa existir uma lei que proteja a sociedade a ser exposta ao ridículo neste mundo onde “qualquer um pode publicar qualquer coisa sobre qualquer outro”.

Finalizando, Keen discorre a respeito do Oscar de 2011 em que o filme *A rede social* concorreu ao prêmio. O autor ressalta que no filme o criador do Facebook, Zuckerberg, é um solitário programador de computador sem amigos, o que explicaria o sucesso desta rede que é uma “comunidade personalizada de quase 1 bilhão de indivíduos discretos, todos sozinhos juntos em suas celas de luxo”.

Na conclusão da obra, o autor comenta sobre a obra “antropologia pintada” de Christine Rosen que fala sobre a burguesia que durante séculos marcavam sua existência através de retratos do cotidiano. Keen coloca que nessa época os retratos, apenas retratavam o cotidiano sem a necessidade do narcisismo que acontece hoje. Ele se refere então a “A mulher de azul” (título do capítulo de conclusão), que é o retrato de uma jovem que lê uma carta e que este retrato consegue transmitir mistério, individualidade e privacidade. Essa privacidade e esse mistério é o que o autor afirma não existir hoje e, assim, ele encerra o capítulo final afirmando que a era do exibicionismo exigido pela Web 3.0 nos coloca numa condição de exposição pública que nos faz esquecer de quem realmente somos.

Interessante observar o quão crítico Andrew Keen se apresenta em relação a Web 3.0 e a promessa que ela traz sobre a sociabilidade e a transparência ao extremo. Suas preocupações, a propósito bem negativas, esquecem um pouco os pontos positivos trazidos pela era digital e pelo caráter social das mídias atuais, para que o leitor perceba um cenário em que nem tudo são flores. Certamente, muitas destas preocupações do autor permitem que o leitor enxergue um outro lado das redes sociais e perceba que há

mais questões envolvidas que não apenas o caráter emancipador, transfronteiriço e transparente que as mídias digitais trazem para a sociedade.

De fato, a leitura da obra *Vertigem Digital – por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando* – é muito proveitosa e nos desafia a tomar partido “para o bem ou para o mal” (parafrazeando o autor) e nos permite “vigiar” os positivismos e o negativismos que permeiam o mundo social digital no qual estamos vivendo.